

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

MEGAN MIRANDA



VERUS
EDITORA

Ninguém
simplesmente
some.



**TODAS AS GAROTAS
DESAPARECIDAS**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MEGAN MIRANDA

TODAS AS GAROTAS
DESAPARECIDAS

Tradução
Petê Rissatti



VERUS
EDITORA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Érica Bombardi

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Diagramação da versão impressa

Daiane Cristina Avelino Silva

Título original*All the Missing Girls*

ISBN: 978-85-7686-643-5

Copyright © Megan Miranda, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Simon & Schuster, Inc.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-3940 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M645t

Miranda, Megan

Todas as garotas desaparecidas [recurso eletrônico] / Megan Miranda; tradução Petê Rissatti. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2017.

recurso digital

Tradução de: All the Missing Girls

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-643-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Rissatti, Petê. II. Título.

17-44297

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para meus pais

SUMÁRIO

PARTE 1 | VOLTANDO PARA CASA

DIA 1

PARTE 2 | VOLTANDO ATRÁS

DUAS SEMANAS DEPOIS | DIA 15

O DIA ANTERIOR | DIA 14

O DIA ANTERIOR | DIA 13

O DIA ANTERIOR | DIA 12

O DIA ANTERIOR | DIA 11

O DIA ANTERIOR | DIA 10

O DIA ANTERIOR | DIA 9

O DIA ANTERIOR | DIA 8

O DIA ANTERIOR | DIA 7

O DIA ANTERIOR | DIA 6

O DIA ANTERIOR | DIA 5

O DIA ANTERIOR | DIA 4

O DIA ANTERIOR | DIA 3

O DIA ANTERIOR | DIA 2

O DIA ANTERIOR | DIA 1, à noite

PARTE 3 | SEGUINDO EM FRENTE

DUAS SEMANAS DEPOIS | DIA 15

TRÊS MESES DEPOIS

AGRADECIMENTOS



PARTE 1

VOLTANDO PARA CASA

O homem [...] não consegue aprender a esquecer, mas se vê preso ao que passou: por mais longe ou rápido que corra, a corrente corre junto.

— F R I E D R I C H N I E T Z S C H E

Começou com um telefonema, enganosamente simples e fácil de ignorar. O zumbido no criado-mudo de Everett, o brilho da tela — claro demais no quarto que ele mantinha tão escuro, com as cortinas blackout abaixadas até o peitoril da janela, pintada como uma segunda linha de defesa contra o brilho intenso do sol e da cidade. Ver o nome, pressionar o mudo, virar o celular com a tela para baixo, ao lado do relógio.

E então eu estava deitada na cama, imaginando por que meu irmão me ligaria tão cedo em um domingo. Repassando as possibilidades: meu pai, o bebê, Laura.

Tateei pela escuridão, as mãos raspando os cantos pontudos do mobiliário para encontrar o interruptor da luz do banheiro. Meus pés descalços palmilharam o chão frio enquanto eu me sentava na tampa da privada com o telefone recostado à orelha, sentindo a pele das pernas arrepiar.

A mensagem de Daniel ecoou no silêncio: “O dinheiro está quase acabando. Precisamos vender a casa. Mas o pai não quer assinar a papelada”. Pausa. “Ele está mal, Nic.”

Sem pedir minha ajuda, porque seria direto demais. Diferente demais do nosso estilo.

Pressionei “apagar”, voltei para debaixo dos lençóis antes que Everett acordasse, toquei-o a meu lado para garantir.

Porém, mais tarde naquele dia, já em casa, dei uma olhada na correspondência do dia anterior e encontrei uma carta — “Nic Farrell”, em letra familiar com tinta azul; o endereço preenchido por outra pessoa, com uma caneta diferente, mais escura.

Meu pai não telefonava mais. Telefones o deixavam ainda mais desorientado, distante demais de quem ele estava tentando localizar. Mesmo que lembrasse para quem estava discando, desaparecíamos de sua mente assim que atendíamos, nada além de vozes desincorporadas no éter.

Desdobrei a carta — uma página de agenda pautada com a margem irregular, a letra estendendo-se além das linhas, um pouco tombada à esquerda, como se corresse para anotar os

pensamentos antes de eles escaparem por entre os dedos.

Sem saudação.

Preciso falar com você. Aquela garota. Eu vi aquela garota.

Sem despedida.

Retornei a ligação de Daniel, a carta ainda tremendo na mão.

— Acabei de receber sua mensagem — disse. — Estou indo para casa. Me conte o que está acontecendo.



DIA 1

Dei uma última olhada no apartamento antes de carregar o carro: malas esperando ao lado da porta, chaves num envelope sobre o balcão da cozinha, caixa aberta, cheia até a metade com coisas de última hora que embalei na noite anterior. Conseguia ver todos os cantos do apartamento estando na minicozinha — exposta e vazia —, mas ainda assim tive a sensação persistente de que estava me esquecendo de algo.

Eu havia organizado tudo às pressas, terminando as últimas semanas do ano letivo enquanto lidava com as ligações de Daniel e procurava alguém para sublocar meu apartamento durante o verão — sem tempo para uma pausa, para considerar o fato de que eu estava realmente fazendo aquilo. Voltando. Indo até *lá*. Daniel não sabia da carta. Sabia apenas que eu estava indo para ajudar, que eu tinha dois meses antes de precisar voltar para minha vida aqui.

Agora o apartamento estava praticamente vazio. Uma grande caixa, despojada de qualquer sentimento, aguardando o aluno de pós-graduação de aparência mais ou menos responsável que ficaria aqui em agosto. As louças iam ficar, pois eram um saco para embalar. O futon também ia ficar, porque ele pediu e acrescentou cinquenta dólares no valor final.

O restante — as coisas que não caberiam no meu carro, pelo menos — estava em um depósito a poucos quarteirões daqui. Minha vida inteira em um cubo retangular, lotado de móveis pintados e roupas de inverno.

O som de alguém batendo à porta ecoou nas paredes vazias e me fez dar um pulo. O novo inquilino só chegaria em algumas horas, e eu já estaria na estrada. Era muito cedo para qualquer outra pessoa.

Atravessei a sala estreita e abri a porta da frente.

— Surpresa — disse Everett. — Eu tinha a esperança de te pegar antes de você sair. — Ele estava vestido para o trabalho, asseado e elegante, e se abaixou para me beijar, escondendo um braço atrás das costas. Cheirava a café e pasta de dente, amaciante e couro, profissionalismo e eficiência. Puxou um copo de isopor fumegante de trás das costas. — Trouxe para você. Para tomar na estrada.

Inspirei profundamente.

— É por isso que eu te amo. — Eu me recostei no balcão e tomei um grande gole.

Ele deu uma olhada no relógio e se encolheu.

— Eu odeio fazer isso, mas preciso correr. Reunião cedo do outro lado da cidade.

Ambos avançamos de leve para um último beijo. Puxei seu cotovelo enquanto ele se afastava.

— Obrigada — falei.

Ele encostou a testa na minha.

— Vai passar rápido. Você vai ver.

Eu o observei partir, os passos estalados e cadenciados, os cabelos escuros tocando o colarinho, até ele chegar ao elevador no fim do corredor. Ele se virou quando as portas se abriram. Eu me recostei no batente e ele sorriu.

— Dirija com cuidado, Nicolette.

Deixei a porta fechar sozinha, e a realidade do dia de repente fez meus membros pesarem, a ponta dos dedos formigando. Os números vermelhos no relógio do micro-ondas avançaram, e eu me encolhi.

São nove horas de viagem da Filadélfia a Cooley Ridge, sem contar o trânsito, a parada para o almoço, para abastecer e ir ao banheiro. E, como eu estava saindo vinte minutos depois de dizer que sairia, já pude imaginar Daniel sentado na varanda, batendo o pé, enquanto eu estacionava na entrada de terra.

Enviei uma mensagem para ele enquanto segurava, com uma mala, a porta da frente aberta:

A caminho, mas devo chegar às 15h30.

Foram duas viagens para arrastar a bagagem e as caixas restantes até o carro, estacionado do outro lado do quarteirão, atrás do prédio. Ouvi o início do congestionamento do horário de pico ao longe, um zumbido constante na rodovia, uma buzina ocasional. Uma harmonia familiar.

Liguei o carro e esperei o ar-condicionado funcionar. *Tudo bem, tudo bem*, pensei. Deixei o telefone no porta-copos e vi a resposta do Daniel:

O pai está te esperando para o jantar. Não vá se atrasar.

Como se eu pudesse chegar três horas depois do que tinha falado. Este era um dos feitos mais impressionantes do Daniel: ele tinha aperfeiçoado a arte da mensagem passivo-agressiva. Vinha praticando há anos.

Quando eu era mais nova, acreditava que podia ver o futuro. Provavelmente por culpa do meu pai, que preenchia minha infância com chavões de suas palestras de filosofia, me fazendo acreditar em coisas impossíveis. Eu fechava os olhos e desejava que ele aparecesse, em pequenos e belos vislumbres. Via Daniel de beca e capelo. Através das lentes da minha câmera, minha mãe sorria ao lado dele enquanto eu fazia sinal para se aproximarem. *Põe o braço na cintura dela. Finjam que se gostam! Perfeito.* Eu via a mim e a Tyler, anos mais tarde, jogando as malas na carroceria de sua caminhonete cheia de lama, partindo para a faculdade. Partindo para sempre.

Na época, era impossível entender que a partida não seria um evento em uma caminhonete, mas um processo de dez anos de ruptura. Quilômetros e anos, preenchendo a distância lentamente. Sem falar que Tyler nunca saiu de Cooley Ridge. Daniel nunca se formou. E, de qualquer forma, nossa mãe não teria vivido para presenciar isso.

Se minha vida fosse uma escada, Cooley Ridge seria o primeiro degrau, uma cidade despretensiosa localizada nas encostas das montanhas Fumegantes, a perfeita definição de cidadezinha americana, mas sem a parte do charme. Todos os outros lugares — qualquer lugar — eram um degrau mais alto que eu alcançaria com o tempo. Faculdade a mais de trezentos quilômetros a leste, pós-graduação em um estado do norte, um estágio em uma cidade onde finquei raízes e me recusava a deixar. Um apartamento em meu nome e uma placa de identificação em minha mesa, e Cooley Ridge permanecia como o lugar de onde eu continuava me afastando.

Mas eis uma coisa que aprendi sobre ir embora: é impossível voltar de verdade. Não sei mais o que fazer com Cooley Ridge, e Cooley Ridge não sabe mais o que fazer comigo. A distância apenas aumenta com o passar dos anos.

Na maioria das vezes, se eu tentasse me concentrar nela de novo — “Me fale da sua casa, me conte como foi a sua adolescência, me fale da sua família”, dizia Everett —, tudo o que eu via era uma caricatura na minha mente: uma cidade em miniatura, montada sobre aparadores nos feriados, tudo assentado no tempo. Então, eu lhe dava respostas superficiais, simples e nada

específicas: “Minha mãe morreu quando eu tinha dezesseis anos, é uma cidade pequena à beira da floresta, tenho um irmão mais velho”.

Mesmo para mim, mesmo quando eu respondia, parecia que não era nada. Uma polaroide desbotando pelas beiradas, as cores perdidas; a silhueta de uma cidade fantasma, cheia de fantasmas.

Mas um telefonema de Daniel — “Temos que vender a casa” —, e senti o chão ceder sob os meus pés.

— Estou indo para casa — falei, e os limites ondularam, as cores queimaram: minha mãe apertou a bochecha em minha testa, Corinne balançou suavemente nossa cabine no topo da roda-gigante, para frente e para trás, Tyler se equilibrou na árvore caída sobre o rio que se estendia entre nós.

Aquela garota, meu pai escreveu, e a risada dela fez meu coração sacudir.

Preciso falar com você. Aquela garota. Eu vi aquela garota.

Uma hora depois, um *segundo* depois, provavelmente, ele já teria esquecido, deixando de lado o envelope selado até alguém o encontrar abandonado na cômoda ou embaixo do travesseiro e descobrir meu endereço no prontuário dele. Mas deve ter havido um gatilho. Uma lembrança. Uma ideia perdida nas sinapses cerebrais; o disparo de um pensamento sem nenhum outro lugar para ir.

A página rasgada, a letra inclinada, meu nome no envelope...

E agora algo agudo e louco tinha sido liberado na minha cabeça. O nome dela, ricocheteando como um eco.

Corinne Prescott.

A carta do meu pai ficou dobrada dentro da minha bolsa nas últimas semanas, martelando minha mente. Sempre que eu estendia a mão para pegar a carteira ou as chaves do carro, sentia o raspar de uma borda, a batida em um canto, e lá estava ela de novo: os cabelos longos da cor de bronze caindo sobre os ombros, o cheiro de chiclete de hortelã, os sussurros em meu ouvido.

Aquela garota. Ela sempre foi *aquela garota*. Que outra garota poderia ser?

A última vez que voltei para casa fazia pouco mais de um ano — quando Daniel me ligou e disse que devíamos internar meu pai, e eu não consegui justificar o custo de um voo de última hora. Choveu quase a viagem toda, na ida e na volta.

Hoje, ao contrário, estava um dia perfeito para dirigir. Sem chuva, nublado, mas não escuro, claro, porém não brilhante. Percorri os três estados sem parar, cidades e entroncamentos apenas

um vulto pelos quais eu passava, motivo por que eu amava viver no norte. Adorava o ritmo, como era possível preencher o dia com uma lista de afazeres, controlar as horas e dobrá-las segundo a sua vontade. E a impaciência do funcionário dentro da loja de conveniência na esquina do meu apartamento, a maneira como ele nunca tirava os olhos de suas palavras cruzadas — ele nunca me olhou de verdade. Eu adorava o anonimato disso tudo. De uma calçada cheia de estranhos e de infinitas possibilidades.

Dirigir através desses estados era assim também. Mas o início da viagem sempre é muito mais rápido que o fim. Mais ao sul, as saídas ficam mais esparsas, a paisagem é a mesma, cheia de coisas que você tem certeza de que já viu pelo menos umas mil vezes.

Eu estava em algum lugar na Virgínia quando meu telefone tocou no porta-copo. Procurei o dispositivo hands-free na bolsa, mantendo uma das mãos firme no volante, mas acabei desistindo e apertei o viva-voz para atender a chamada.

— Alô?

— Oi, está me ouvindo? — A voz de Everett estalou, e eu não sabia ao certo se era por causa do viva-voz ou da linha.

— Estou. Tudo bem?

Ele disse algo indecifrável, a voz cortando muito.

— Desculpe, sua voz cortou. Como? — praticamente gritei.

— Estou saindo para comer alguma coisa rápida — ele disse em meio à estática. — Só queria saber como você está. Os pneus estão aguentando bem dessa vez? — Ouvi o sorriso em sua voz.

— Melhor que o sinal de celular — respondi.

Ele riu.

— Provavelmente vou estar em reunião o dia todo, mas me ligue quando chegar.

Pensei em parar para almoçar, mas não havia nada exceto asfalto e descampados a perder de vista, por quilômetros, quilômetros e mais quilômetros.

Conheci Everett um ano atrás, na noite seguinte após ter enviado meu pai para a clínica. Voltei para casa dirigindo, tensa e desconfortável. Um pneu furou depois de cinco horas e tive de trocá-lo debaixo de uma garoa incessante.

Quando cheguei ao meu apartamento, estava à beira das lágrimas. Com minha bolsa pendurada no ombro, minha mão tremia demais para acertar a chave na porta. Por fim, apoiei a cabeça na sólida porta de madeira para me recompor. Para piorar as coisas, o cara do 4A saiu do

elevador naquele instante, e senti que ele estava me encarando, possivelmente esperando o colapso iminente.

Apartamento 4A. Isto era tudo que eu sabia dele: ouvia música muito alto, tinha convidados demais e horários nada tradicionais. Havia um homem ao lado dele, educado como o outro não era. Delicado, enquanto o outro era rude. Sóbrio, enquanto o outro estava bêbado.

O cara do 4A às vezes sorria para mim quando passávamos no corredor à noite, e uma vez segurou o elevador para eu entrar, mas ali era uma cidade. As pessoas iam e vinham. Os rostos eram apenas vultos.

— Oi, 4C — ele falou mole, cambaleando.

— Nicolette — eu disse.

— Nicolette — ele repetiu. — Trevor. — O homem ao lado dele parecia estar com vergonha alheia. — Este aqui é o Everett. Parece que você precisa de uma bebida. Vamos, se enturme com os vizinhos.

Pensei que se enturmar com vizinhos significaria aprender meu nome um ano antes, quando me mudei, mas eu queria aquela bebida. Queria sentir a distância entre *lá* e *aqui*; precisava dessa distância das nove horas de carro até em casa.

Trevor abriu a porta enquanto eu caminhava na direção deles. O homem ao lado estendeu a mão e disse: “Everett”, como se a apresentação de Trevor não valesse.

Quando fui embora, eu tinha contado a Everett sobre a mudança do meu pai, e ele disse que tinha sido a coisa certa a fazer. Contei sobre o apartamento, a chuva e tudo o que eu queria fazer no verão, embora eu estivesse fora. Quando parei de falar, me senti mais leve, mais à vontade, o que poderia ter sido culpa da vodca, mas eu gostava de pensar que tinha sido culpa de Everett. Trevor já tinha desmaiado no sofá, ao nosso lado.

— Ah, eu tenho que ir — falei.

— Deixa eu te levar — disse Everett. Minha cabeça ficou leve enquanto caminhávamos em silêncio. Então pousei a mão na maçaneta da porta e ele ainda estava ali. Quais eram as regras da vida adulta para essa situação?

— Quer entrar?

Ele não respondeu, mas me seguiu. Parou na minicozinha, que dava para o resto do meu loft, um cômodo com janelas altas e cortinas simples penduradas nos canos expostos, separando o meu quarto. Mesmo assim, eu conseguia ver minha cama através delas — desfeita, convidativa — e sabia que ele também via.

— Uau — disse ele. Era a mobília, com certeza. Peças que eu tinha garimpado em brechós e mercados de pulgas, lixado e pintado de cores extravagantes para combinar. — Sinto que sou a Alice no País das Maravilhas.

Tirei os sapatos e me recostei no balcão da cozinha.

— Aposto dez dólares que você nunca leu.

Ele sorriu e abriu minha geladeira, puxando uma garrafa de água.

— Me beba — ele disse, e eu ri.

Então puxou um cartão de visita, pôs em cima do balcão, inclinou-se para a frente e roçou os lábios nos meus antes de se afastar.

— Me liga — disse por fim.

E eu liguei.

A viagem pela Virgínia tinha se tornado infinita, com suas casas de fazenda brancas nas colinas e os fardos de feno pontilhando a grama ao redor. O que veio a seguir foram as montanhas — guardrails e placas com avisos para acender os faróis de milha — e a estática quando as estações de rádio iam e voltavam. Quanto mais eu dirigia, mais lenta parecia estar. *Relatividade*, pensei.

O ritmo era diferente na volta para casa. As pessoas não mudaram muito nem tão rápido ao longo desses dez anos. Cooley Ridge, mantendo você como a pessoa que sempre foi. Quando saí da rodovia, desci a rampa e cheguei à avenida principal da cidade, poderia apostar que ainda encontraria Charlie Higgins ou alguém como ele recostado na lateral dilapidada da farmácia. Poderia apostar que ainda encontraria Christy Pote dando em cima do meu irmão, e ele fingindo não notar, mesmo depois que seguiram com a vida e se casaram com outras pessoas.

Talvez fosse por causa da umidade e da maneira como tínhamos que lutar para abrir nossos caminhos, como xarope grudado no fundo de um frasco, doce e viscoso. Talvez fosse por viver tão perto das montanhas; mil anos de desenvolvimento, a movimentação lenta das placas sob a terra, as árvores que estavam aqui desde que eu tinha nascido e que permaneceriam aqui mesmo depois que eu morresse.

Talvez fosse pelo fato de ser impossível olhar qualquer coisa além disso aqui, quando estamos imersos. Apenas as montanhas, a floresta e a gente. É isso.

Dez anos e cento e sessenta quilômetros depois, atravesso a fronteira do estado — “Bem-vindo à Carolina do Norte!” —, as árvores ficam mais grossas, o ar mais pesado, e estou de volta.

As bordas borradas começam a ganhar foco, e minha mente volta no tempo. Nossos fantasmas ganham consistência: Corinne correndo no acostamento da estrada à minha frente, erguendo o polegar, as pernas brilhantes de suor, a saia voando quando um carro passa muito perto. Bailey pendurada no meu ombro, com o hálito quente de vodca. Ou talvez fosse o meu.

Meus dedos se desprendem do volante. Queria estender a mão e tocá-las. Ver Corinne se virando e dizendo: “Para com essa merda, Bailey”, notando meus olhos e sorrindo. Mas elas

desapareceram rápido demais, como todo o resto, e o que sobrou foi aquela pontada aguda de saudade.

Dez anos, trinta quilômetros, e posso ver a minha casa. A porta da frente. O caminho coberto de mato e as ervas daninhas se erguendo entre o cascalho da entrada da garagem. Ouço a porta de tela se entreabrir e a voz de Tyler: *Nic?* Parece um pouco mais profunda que minha lembrança, um pouco mais próxima.

Quase em casa agora.

Na saída, à esquerda do semáforo, o asfalto cinza rachado.

Uma placa recém-cravada no chão, bem na esquina, o fundo manchado com lama seca — parque de diversões de volta à cidade — e algo se agita em meu peito.

Lá está a farmácia com o grupo de adolescentes vadiando ao lado do estacionamento, como Charlie Higgins costumava fazer. Tem a fileira de lojas, letras pintadas nas vitrines diferentes das que eu via quando criança, com exceção do Kelly's Pub, que era a coisa mais próxima de um ponto de referência que tínhamos. Tem a escola primária e, do outro lado da rua, a delegacia, com o prontuário do caso Corinne enfiado em algum arquivo, juntando poeira. Imaginei todas as provas encaixotadas e jogadas em um canto, porque não havia outro lugar para colocá-las. Deixadas de lado, esquecidas no tempo.

Os cabos elétricos se estendiam sobre nós na beira da estrada, a igreja aonde quase todo mundo ia, fosse protestante ou não. E, ao lado dela, o cemitério. Corinne mandava a gente prender o fôlego quando passávamos por lá. Mãos para o céu nos trilhos da ferrovia, um beijo quando os sinos da igreja davam doze badaladas, e nenhuma respiração perto dos mortos. Ela nos obrigou a fazer isso, mesmo depois que minha mãe morreu. Como se a morte fosse uma superstição, algo que podíamos superar jogando sal sobre os ombros, cruzando os dedos atrás das costas.

Peguei meu celular no semáforo e liguei para Everett. Caí na caixa postal, como sabia que aconteceria.

— Cheguei — eu disse. — Estou aqui.

A casa era tudo o que eu imaginara durante as últimas nove horas. O caminho da garagem até a varanda da frente agora dominado pelo jardim, o carro de Daniel estacionado bem junto à cobertura para deixar espaço para o meu, o mato arranhando meus tornozelos no trajeto de uma alondra a outra, minhas pernas avançando pelas lembranças. O tapume era cor de marfim, mais escuro em alguns pontos, branqueado pelo sol em outros. Tive de estreitar os olhos para

encará-lo. Parei a meio caminho entre meu carro e a casa, formando uma lista na cabeça: *Pegar emprestada uma lavadora de alta pressão, encontrar um garoto para cortar a grama, arrumar alguns vasos de flores coloridas para a varanda...*

Eu ainda estava de olhos apertados, minha mão os protegendo do sol, quando Daniel deu a volta na casa.

— Pensei ter ouvido seu carro — disse ele. O cabelo estava mais longo do que eu me lembrava, na altura do queixo, do mesmo comprimento que o meu antes de eu ir embora daqui para sempre. Ele costumava mantê-lo bem curto, porque, na única vez em que deixou crescer, as pessoas disseram que ele estava parecido comigo.

Comprido assim parecia mais claro, mais para loiro, ao passo que o meu ficara mais escuro com o passar dos anos. Ele ainda era pálido como eu, e os ombros nus já estavam ficando vermelhos. Mas tinha emagrecido, as linhas firmes do rosto mais pronunciadas. Agora mal podíamos passar por irmãos.

Seu peito estava coberto de lama, e as mãos, cobertas de terra. Ele limpou a palma na lateral da calça, caminhando na minha direção.

— E antes das três e meia — falei, o que era ridículo. De nós dois, ele sempre foi o responsável. Foi quem abandonou a escola para ajudar com a nossa mãe. Foi quem disse que precisávamos conseguir ajuda para o nosso pai. Agora, era quem estava de olho no dinheiro. Minha chegada relativamente no horário não o impressionaria.

Ele riu e passou as costas das mãos na calça jeans.

— É bom ver você também, Nic.

— Desculpe — eu disse, me jogando para um abraço, o que era um exagero. Eu sempre fazia isso. Tentava compensar indo até o outro extremo. Ele ficou rígido com meu abraço, e eu sabia que estava sujando minha roupa toda. — Como está o trabalho, a Laura, você?

— Corrido. Tão irritável quanto grávida. Feliz por você estar aqui.

Eu sorri, depois voltei para o carro para pegar a minha bolsa. Não me dava bem com suas gentilezas. Nunca sabia o que fazer com elas, o que ele queria dizer com elas. Como meu pai costumava dizer, ele era uma pessoa difícil de decifrar. Sua expressão era naturalmente de desaprovação, então eu sempre me sentia na defensiva, como se precisasse provar alguma coisa.

— Ah — falei, abrindo a porta de trás do carro e fuçando nas caixas. — Tenho uma coisa para ela. Para vocês dois e para a bebê. — Onde é que estava? Era uma daquelas sacolas com um chocalho na frente, com glitter que mudava cada vez que a sacola se movia. — Está aqui, em algum lugar... — resmunguei. E o papel de embrulho tinha fraldinhas com alfinetes, o que eu realmente não entendi, mas achei que a Laura adoraria.

— Nic — disse ele, os dedos longos dobrados sobre a porta aberta do carro —, isso pode esperar. O chá de bebê é na próxima semana. Quer dizer, se você não estiver ocupada. Se quiser

ir. — Ele pigarreou e tirou os dedos da porta. — Ela gostaria que você fosse.

— Tudo bem — eu disse, me levantando. — Claro. Com certeza. — Fechei a porta e comecei a caminhar em direção à casa, e Daniel me acompanhou a passos largos. — Está muito ruim? — perguntei.

Eu não via a casa desde o verão passado, quando levamos nosso pai para Grand Pines. Naquela época, havia uma chance de que fosse uma mudança temporária. Foi o que dissemos para ele. “Só por enquanto, pai. Só até você se sentir melhor. Só um pouquinho.” Agora, estava claro que ele não melhoraria, que não seria só por um tempo. Sua mente estava uma bagunça. Suas finanças, ainda mais, um desastre que desafiava toda lógica. Mas ao menos ele tinha a casa. Nós tínhamos a casa.

— Consegui ontem que religassem a água, a luz, o telefone, mas tem algo errado com o ar-condicionado.

Senti meus cabelos longos colando na nuca, o vestido de verão colando na pele, o suor brotando nas pernas nuas, e não fazia nem cinco minutos que eu estava ali. Os joelhos cederam quando pisei na madeira lascada da varanda.

— Onde foi parar aquela brisa? — perguntei.

— Foi assim o mês inteiro — ele respondeu. — Eu trouxe alguns ventiladores. Não tem nada estrutural para fazer além do ar-condicionado. Precisa de pintura, lâmpadas, uma boa limpeza, e, obviamente, precisamos decidir o que fazer com tudo que está aí dentro. Se nós mesmos conseguíssemos vender, economizaríamos um bom dinheiro — acrescentou, olhando fixo na minha direção. Foi quando eu entrei. Além de lidar com a papelada do meu pai, Daniel queria que eu vendesse a casa. Ele tinha um emprego, um bebê a caminho, uma vida inteira aqui.

Eu tinha dois meses de folga. Um apartamento que estava sublocando pelo dinheiro extra. Uma aliança na mão e um noivo que trabalhava sessenta horas por semana. E agora um nome — Corinne Prescott — saltando na minha cabeça como um fantasma.

Ele abriu a porta de tela, e o rangido familiar bateu direto no meu estômago. Sempre batia. Bem-vinda de volta, Nic.

Daniel ajudou a descarregar o meu carro, levou a bagagem até o corredor do segundo andar e empilhou meus pertences na mesa da cozinha. Passou o braço no balcão, e partículas de poeira flutuaram no ar, suspensas em um raio de luz que atravessava a janela. Tossiu com o braço no rosto.

— Desculpe — disse ele. — Ainda não tinha entrado aqui. Mas já comprei os materiais. —

Apontou para uma caixa de papelão no balcão.

— É por isso que estou aqui — falei.

Eu pensei que, se planejasse viver aqui durante esse período, deveria começar pelo meu quarto e assim ter um lugar para dormir. Passei a mala pelo topo da escada e carreguei a caixa de produtos de limpeza equilibrada no quadril, até meu antigo quarto. As tábuas do assoalho rangeram no corredor, a um passo da minha porta, como sempre. A luz das janelas atravessava as cortinas, e tudo no quarto parecia pela metade sob aquela luz silenciosa. Acionei o interruptor, mas não aconteceu nada, então deixei a caixa no chão e abri as cortinas, observando Daniel voltar da garagem com um circulador de ar embaixo do braço.

O edredom amarelo coberto de margaridas pálidas ainda estava amarrotado aos pés da minha cama, como se eu nunca tivesse ido embora. As marcas nos lençóis — um quadril, um joelho, a lateral de um rosto — ainda estavam lá, como se alguém tivesse acabado de acordar. Ouvi Daniel na porta da frente e puxei o edredom rapidamente, alisando as marcas.

Abri as duas janelas, aquela com a tranca que funcionava e aquela com a tranca que havia quebrado em algum momento do fundamental dois, e que nunca conseguimos arrumar. A tela havia desaparecido, o que não era uma grande perda; tinha se rasgado e entortado por anos de mau uso. Da minha parte, empurrando a base para fora, rastejando no telhado inclinado e caindo no monte de palha, o que doía apenas se eu errasse a distância, noite após noite. O tipo de coisa que fazia todo o sentido quando eu tinha dezessete anos, mas agora parecia ridículo. Como não conseguia subir de volta, eu me esgueirava pela porta dos fundos e subia as escadas na ponta dos pés, evitando o rangido do corredor. Provavelmente eu poderia ter me esgueirado para fora desse mesmo jeito, evitando saltar, evitando quebrar a tela.

Quando me virei, no quarto banhado de luz, percebi todas as coisas que Daniel já havia feito: algumas fotografias já não estavam nas paredes, a tinta amarelada desbotada onde ficavam penduradas; as velhas caixas de sapatos que se erguiam no armário até o alto, cuidadosamente empilhadas no canto da parede ao fundo, e o tapete rústico que tinha sido da minha mãe quando ela era criança, puxado para baixo das pernas da cama.

Ouvi o rangido da tábua do assoalho, e Daniel estava na minha porta, com o circulador de ar embaixo do braço.

— Obrigada — falei.

Ele deu de ombros.

— Por nada. — Inclinou o aparelho no canto e o ligou. Maravilha. — Obrigado por vir, Nic.

— Obrigada por começar com o meu quarto — agradei, mexendo os pés. Eu não entendia como outros irmãos tinham um relacionamento tão fácil. Como conseguiam voltar à infância num estalar de dedos, deixando de lado todas as formalidades. Eu e Daniel estávamos prestes a

passar o dia andando na ponta dos pés pela nossa casa vazia e agradecendo um ao outro até morrer.

— Hein? — ele perguntou ao ligar o ventilador. Então o zumbido baixo se transformou em um ruído claro e constante, abafando os sons do lado de fora.

— Meu quarto. — Apontei na direção das paredes. — Obrigada por tirar as fotos.

— Eu não tirei — ele me corrigiu, parando na frente do ventilador e fechando os olhos por um segundo. — Deve ter sido o pai.

Talvez. Eu não conseguia lembrar. Tinha estado ali um ano atrás, na noite seguinte em que fizemos a mudança dele, mas os detalhes... os detalhes se perderam. As caixas de sapatos estavam no chão? As fotos não estavam mais na parede? Senti que me lembraria dessas coisas. Aquela noite inteira era um borrão.

Daniel não sabia que eu tinha passado por aqui em vez de voltar direto para casa, como disse que precisava: “Tenho que trabalhar, preciso ir”. Voltei para cá, vagando de um quarto a outro, com olhos secos e abalada, como uma criança perdida no meio do parque de diversões, buscando na multidão um rosto familiar. Eu me enrolei nos lençóis na casa vazia, até ouvir o motor na frente de casa e a campainha que não atendi. O rangido da tela, a chave na porta, as botas nos degraus. Até Tyler estar recostado na parede do meu quarto. “Eu quase senti sua falta”, ele dissera. “Você está bem?”

— Quando foi a última vez que você esteve aqui? — perguntei a Daniel.

Ele coçou a cabeça, aproximando-se mais do ventilador.

— Sei lá. Eu passo por aqui de carro, de vez em quando dou uma olhada, ou venho pegar algo para o pai. Por quê?

— Nada — respondi, mas não era bem “nada”. Agora eu estava imaginando a sombra de outra pessoa no quarto. Fuçando nas minhas caixas. Mudando meu tapete de lugar. Olhando. *Procurando*. A sensação era de que as minhas coisas não estavam onde deveriam estar. Eram as marcas irregulares de poeira, reveladas à luz do sol. Ou talvez fosse apenas a minha perspectiva. Eu cresci, e a casa ficou menor. Na minha casa, eu dormia em uma cama queen size que ocupava mais ou menos metade do apartamento, e Everett tinha uma cama king. Aquela cama de solteiro parecia feita para uma criança.

Imaginei que, se eu me aconchegasse no colchão, sentiria as marcas de outra pessoa. Talvez apenas o meu fantasma. Arranquei os lençóis da cama e passei por Daniel. Os vincos entre os olhos se aprofundaram enquanto me observava.

Quando voltei lá para cima depois de colocar a roupa para lavar, o quarto parecia um pouco mais como era antes. Do mesmo jeito que aconteceu comigo e com Daniel, eu e o quarto levamos algum tempo para nos acostumar um com o outro novamente. Retirei a aliança e a coloquei na tigela de cerâmica lascada sobre o criado-mudo antes de atacar o banheiro e as

gavetas da cômoda. Depois me sentei no chão em frente ao ventilador e me recostei sobre os cotovelos.

Apenas duas horas e eu já estava procrastinando. Precisava ir ver meu pai. Precisava levar a papelada e ouvi-lo falar fazendo rodeios. Precisava perguntar para ele o que quis dizer naquela carta e esperava que ele se lembrasse. Precisava fingir que não doía quando esquecia meu nome.

Não importava quantas vezes já tivesse acontecido. Isso sempre acabava comigo.

Encontrei a documentação da tutela para levar ao médico do meu pai, para dar início ao *processo*. Para que, por ironia do destino, nos tornássemos tutores de nosso pai e de seus bens. Enquanto eu me preparava para sair, ouvi ruídos fracos e abafados vindos lá de fora — portas fechando, motor acelerando. Imaginei que Daniel tivesse chamado alguém para falar do jardim. Mas então a porta de tela rangeu, cortando o barulho do circulador de ar.

— Nic?

Reconheci aquela voz como doze anos de história arquivada em uma única lembrança, em uma única sílaba.

Eu me inclinei na janela e vi a caminhonete de Tyler parada ao lado da estrada. Havia uma garota no banco do passageiro. E as costas queimadas de sol de Daniel viradas para mim enquanto ele se recostava na janela aberta da caminhonete e conversava com ela.

Merda.

Girei a tempo de ver Tyler de pé, diante da porta aberta do meu quarto.

— Achei que seria falta de educação não entrar e dizer “oi”.

Eu sorri sem querer, porque era Tyler. Uma reação espontânea.

— Assim como não bater na porta? — retruquei, o que o fez rir, mas *de* mim. Eu estava ficando transparente, e odiava isso.

Ele não disse “Como você está?”, “O que está aprontando?” ou perguntou se eu sentia falta dele, brincando mas não ao mesmo tempo. Não mencionou as caixas, a bagagem ou o meu cabelo, que estava mais comprido que no ano passado e artificialmente encaracolado. Mas eu o vi observando tudo. Eu estava fazendo igual.

O rosto um pouco mais cheio, cabelo castanho um pouco mais desgrenhado, olhos azuis apenas um pouco mais brilhantes. Quando éramos mais jovens, ele tinha olheiras escuras que nunca desapareciam, mesmo que passasse o dia inteiro dormindo. Elas meio que acrescentavam um toque em sua aparência, mas, agora que tinham sumido, ele parecia bem. Mais jovem. Mais feliz.

— O Dan não me falou que você chegaria hoje — disse ele, agora completamente dentro do meu quarto.

Daniel gostava que nós dois ficássemos bem longe um do outro. Quando eu tinha dezesseis anos, ele me disse que eu ficaria falada se começasse a sair com um cara como o Tyler — ainda não tenho certeza se o menosprezo era contra mim ou contra ele — e nunca pareceu superar o fato de que estava errado.

— Ele também não me disse que você viria hoje — rebati, cruzando os braços.

— Em defesa dele, era para eu ter trazido o cortador de grama durante meu intervalo de almoço, cinco horas atrás. — Deu de ombros. — Mas eu tinha que vir para cá de qualquer jeito. Dois coelhos, certo?

Olhei para trás e vi a garota. Aproveitei para parar de olhar para ele. Embora tenha levado dias para Daniel e eu ficarmos confortáveis um com o outro, comigo e com Tyler não demorou nada. Não importava quanto tempo tinha se passado ou o que dissemos um ao outro quando nos vimos pela última vez. Ele está no meu quarto, e estamos nas férias de primavera de dois anos atrás. Ele dá um passo à frente, e estamos no verão após a formatura na faculdade. Ele diz meu nome, e volto a ter dezessete anos.

— Ficante? — perguntei, vendo um rabo de cavalo loiro e um braço magro pendurado da janela.

Ele abriu um sorrisinho.

— Mais ou menos isso.

Olhei para trás de novo.

— Melhor voltar lá para fora — comentei. — O Daniel provavelmente está avisando a garota. — A parte superior do corpo do meu irmão desapareceu mais para dentro da caminhonete, e tive um sobressalto com o som da buzina. — Aliás — falei —, não foi sua ficante que buzinou.

Quando virei de volta, Tyler estava ainda mais perto.

— Como se eu não soubesse — disse ele. — Acho que ele não me quer perto da irmãzinha dele.

Eu me segurei para não sorrir com a piadinha frequente, porque essa era a parte perigosa. Não importava que houvesse uma garota em seu carro ou que ele estivesse indo para um encontro naquele segundo. Pois, toda vez que eu voltava, era isso que acontecia. Não importava que eu fosse embora de novo ou que ele não fosse. Que nunca falássemos sobre o passado ou o futuro. Que ele abrisse mão de qualquer coisa por mim, e eu fingisse não notar.

— Estou noiva — falei rapidamente, forçando as palavras.

— É, ele me contou essa parte. — Ele olhou para minha mão, para meu dedo sem nada.

Corri o polegar contra a pele.

— Está no criado-mudo — expliquei. — Não queria que sujasse. — O que pareceu ridículo e pretensioso e tudo o que Tyler odiaria numa garota com aliança.

Mas aquilo o fez rir.

— Bem, vamos ver, então — falou, a voz soando como um desafio.

— Tyler...

— Nic...

Tombei a tigela de cerâmica na palma da mão e joguei a aliança para ele, como se não valesse mais do que nós dois juntos. Os olhos dele se arregalaram por um minuto enquanto ele a virava nas mãos.

— Puta merda, Nic. Que legal. Quem é o sortudo?

— Ele se chama Everett.

Ele começou a rir de novo, e eu mordi o lábio para segurar o riso. Pensei a mesma coisa quando nos conhecemos — colega de quarto do meu vizinho, aluno de universidade renomada, sócio no escritório de advocacia do papai. *Claro que esse é o nome dele. Claro*, pensei. Mas Everett me surpreendeu. Continua me surpreendendo.

— O nome dele é Everett e ele te deu essa aliança — continuou Tyler. — Claro que sim. Quando é o casório?

— Não tem data ainda — eu disse. — Vai ser... quando for.

Ele assentiu com a cabeça e jogou a aliança de volta do mesmo jeito que eu a joguei para ele. Como se lança uma moeda para cima ou a arremessa em uma fonte. *Cara ou coroa. Faça um desejo. Uma moeda pelos seus pensamentos.*

— Quanto tempo você vai ficar? — ele perguntou enquanto eu punha o anel de volta na tigela.

— Não sei. Quanto tempo precisar. Estou em férias de verão.

— Acho que vou te ver por aí, então.

Ele já estava a meio caminho da porta.

— É alguém que eu conheço? — perguntei, apontando para a janela.

Ele deu de ombros.

— Annaleise Carter.

Era por isso que ele estava na vizinhança. A propriedade dos Carter ficava atrás da nossa, e Annaleise era a filha mais velha, apesar de ser mais nova que nós.

— Quantos anos ela tem, treze? — questionei.

Ele riu como se pudesse me ver por dentro.

— Tchau, Nic.

Annaleise Carter costumava ter grandes olhos arregalados, então sempre parecia inocente e surpresa. Vi aqueles olhos agora — eu a vi recostada na janela do carro, os olhos fixos em mim,

piscando devagar, como se estivesse vendo um fantasma. Ergui a mão — *oi* — e depois a outra — *não tenho culpa*.

Tyler sentou no banco do motorista com um último aceno para a minha janela antes de sair com o carro.

Quantos anos tinha ela, vinte e três? Para mim sempre teria treze. E Tyler, dezenove, e Corinne, dezoito. Congelados no momento em que tudo mudou. Quando Corinne desapareceu. E eu fui embora.

Dez anos atrás, bem nessa época — nas duas últimas semanas de junho —, o parque de diversões estava na cidade. Eu não estive em casa nesse mesmo período desde então. E ainda assim, com todo o tempo e a distância, era uma das minhas lembranças mais agudas — a primeira coisa que me vinha antes que eu pudesse deixá-la de lado sempre que Everett perguntava sobre a minha casa: pendurada na beirada da cabine da roda-gigante, o metal pressionando minha barriga, eu chamando o nome dele, e Tyler lá embaixo, muito longe para o rosto ter foco, congelado e com as mãos nos bolsos, enquanto as pessoas acenavam ao redor dele, nos observando, me observando. Corinne sussurra no meu ouvido: “Vai”. A gargalhada de Bailey, abafada e nervosa, e a cabine balançando devagar, para frente e para trás, suspensa sobre toda Cooley Ridge. “Tique-taque, Nic.”

Eu, me inclinando na beirada, embora estivéssemos todas de vestido, a mudança no meu peso sacudindo a cabine ainda mais, meus ombros presos à barra no alto da gaiola atrás de mim, meus pés balançando no degrau abaixo, na altura da cintura. As mãos de Corinne em meus cotovelos, sua respiração em meu ouvido. Tyler observando quando a roda-gigante começou a girar para baixo de novo. O vento subindo do chão, meu estômago apertado, meu coração aos pulos. A roda rangendo até parar na base, e eu descendo um segundo antes de parar.

O impacto da plataforma metálica de embarque fazendo meus joelhos cederem ao descer a rampa correndo, zonza e cheia de adrenalina, retrucando para o funcionário que gritava comigo:

— Eu sei, eu sei, já estou indo! — Correndo na direção de Tyler, sorrindo de leve, seus olhos me dizendo tudo o que queria naquele momento quando parou perto da saída. Um *provocador*. Daniel o chamou assim, tentando encontrar alguém para culpar que não fosse eu.

Corre, Tyler fez com a boca. Eu estava sem fôlego, não estava rindo, mas quase, enquanto corria em sua direção. Seus lábios se inclinaram em um de seus meios sorrisos, e eu sabia que não conseguiríamos sair do estacionamento. Teríamos sorte se chegássemos até sua caminhonete.

Mas então uma mão me agarrou.

— Eu disse que estou indo. — Puxei o braço com tudo.

Mas não era o segurança. Era Daniel. Ele me agarrou, forte e vigoroso, e me bateu. Me atingiu no rosto com o punho fechado, e o impacto me derrubou de lado, o braço torcido no chão entre a barriga e a terra.

Choque e dor, medo e vergonha, tudo parece a mesma coisa na lembrança, tudo emaranhado com o gosto de sangue e terra. Ele nunca tinha me batido antes. Nem quando éramos crianças, na verdade. Dez anos se passaram e esse momento paira entre nós sempre que interagimos, em todas as mensagens de texto passivo-agressivas e em todos os telefonemas ignorados.

E mais tarde naquela noite, em algum momento entre o fechamento do parque de diversões e as seis da manhã, Corinne desapareceu, e tudo o que havia acontecido naquele dia assumiu um novo peso, um novo significado. Nas semanas que se seguiram, o cheiro de morte se tornou palpável. Estava ao nosso redor, intangível e sufocante, presente em cada fato novo. A possibilidade de que ela estivesse morta de mil maneiras diferentes era cada vez mais evidente.

Talvez tivesse partido porque sofrera abuso do pai. Talvez por isso sua mãe tenha se divorciado dele e deixado a cidade um ano depois.

Ou talvez a culpa fosse do namorado, Jackson, porque geralmente a culpa é do namorado, e eles andavam brigando. Ou do cara com quem ela estava flertando no parque, que nenhum de nós conhecia — aquele na barraca de cachorro-quente. Aquele que Bailey jurou que estava nos observando. Ou talvez ela tenha pedido carona de volta para casa, em sua minissaia curta demais e sua camisa transparente de manga comprida, e um estranho passando pela cidade a tenha levado, estuprado e abandonado.

Ou talvez ela simplesmente tenha ido embora. Foi o que os policiais concluíram. Estava com dezoito anos, era legalmente uma adulta e já estava cheia deste lugar.

“O que aconteceu naquelas horas com todos vocês?”, os policiais perguntaram. Revelem os seus segredos, com quem, como e por que, entre as dez da noite e as seis da manhã. Os mesmos policiais que dispersavam nossas festas, mas nos levavam para casa em vez de ligar para nossos pais; que namoravam nossas amigas e bebiam cerveja com nossos pais e irmãos. Mas aqueles segredos, os policiais não guardariam. Nem no bar, nem na cama, nem nesta cidade.

Quando a equipe da polícia estadual chegou para ajudar, era tarde demais. Já tínhamos definido nossas teorias, já acreditávamos no que precisávamos acreditar.

A linha oficial de investigação: a última vez que Corinne existiu para todos que a conheceram foi pouco depois da entrada no parque de diversões, e de lá ela desapareceu.

Mas, na verdade, não. Havia mais coisa além disso. Uma peça de cada um de nós que mantivemos escondida.

Para Daniel, ela desapareceu do lado de fora do parque, atrás da bilheteria.

Para Jackson, no estacionamento das cavernas.

E, para mim, ela sumiu em uma curva da estrada sinuosa, no caminho de volta para Cooley Ridge.

Éramos uma cidade cheia de medo, em busca de respostas. Mas também éramos uma cidade cheia de mentirosos.

O refeitório de Grand Pines é uma grande decepção — assoalho de madeira maciça e mesas cobertas com toalhas escuras, mais adequadas para um restaurante do que para um centro de reabilitação de longo prazo. Um piano no canto, embora pareça ser mais decorativo, e música clássica baixinha tocando ao fundo, durante o jantar. A comida, já ouvi dizer, é a melhor de todas as clínicas que existem no sul; bem, foi o que informaram ao Daniel quando ele escolheu este lugar, como se isso o fizesse se sentir melhor, e eu, por reflexo, também. *Não se preocupe, pai, vamos te visitar. E a comida é de morrer.*

Hoje, a enfermeira perto da recepção me escoltou até o quarto, e eu vi meu pai em uma mesa de canto para dois. Seus olhos deslizaram sobre mim e a enfermeira, então se concentraram novamente no garfo que enrolava a massa.

— Ele não disse que você estava a caminho, ou teríamos falado para ele esperar — a enfermeira explicou, com a boca retorcida de preocupação.

Meu pai ergueu os olhos enquanto ela me levava até a mesa e abriu a boca como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas a enfermeira falou primeiro, com um sorriso praticado e contagioso, ao qual o meu e o do meu pai se abriram, em retribuição.

— Patrick, sua filha está aqui. Nicolette — ela disse, de frente para mim —, foi muito bom te ver novamente.

— Nic — eu disse à enfermeira, com o coração apertado enquanto aguardava, esperando que o nome pegasse, contagioso como um sorriso.

— Nic — meu pai repetiu, com os dedos tamborilando devagar na mesa, um, dois, três, um, dois, três, e então algo pareceu clicar. O tamborilar acelerou, umdoistrês, umdoistrês. — Nic. — Ele sorriu. Ele estava ali.

— Oi, pai. — Sentei diante dele e peguei sua mão. Meu Deus, fazia tanto tempo. Um ano desde que estivemos juntos no mesmo quarto. Algumas ligações, quando ele entrava e saía da lucidez, até que Daniel disse que elas o deixavam muito agitado. E então, apenas cartas com fotos minhas. Mas agora, ali estava ele. Como uma versão mais velha de Daniel, mas mais suave, por causa da idade e de uma vida inteira de álcool e fast-food.

Ele fechou a mão ao redor da minha e a apertou. Sempre fora bom nessa parte. No afeto físico, nas exibições de boa paternidade. Nos abraços quando cambaleava meio bêbado tarde da noite. A mão que apertava quando precisávamos de mantimentos, mas ele não conseguia sair da cama. *Aperto de mão, pegue o cartão de crédito*, e isso devia bastar.

Seus olhos pairaram até minha mão, e ele tocou meu dedo anelar.

— Onde está?

Por dentro eu me encolhi, mas sorri para meu pai, feliz por ele ter se lembrado desse detalhe. Eu ficava feliz quando ele se lembrava das coisas que eu lhe dizia em minhas cartas. Ele não estava perdendo a cabeça, só estava perdido dentro dela. Havia uma diferença. *Eu* vivia lá dentro. *A verdade* vivia lá dentro.

Fucei no celular, buscando uma fotografia, e dei zoom.

— Deixei em casa. Eu estava fazendo limpeza.

Ele estreitou os olhos para a tela, para os ângulos perfeitamente lapidados, para o brilhante.

— Foi o Tyler quem te deu?

Meu estômago pesou.

— Não foi o Tyler, pai. Foi o Everett.

Ele estava perdido novamente, mas não estava errado. Estava apenas em outro lugar. Dez anos atrás. Éramos crianças. E Tyler não estava exatamente me pedindo em casamento — ele a estendia como se fizesse um pedido. *Fique*, era o que significava.

Já essa aliança significava... Eu não fazia ideia do que ela significava. Everett tinha trinta anos, e eu estava chegando aos trinta. Ele fez o pedido no trigésimo aniversário, uma promessa de que eu não estava desperdiçando seu tempo e ele não estava desperdiçando o meu. Eu disse "sim", mas isso tinha sido dois meses antes, e nós não discutíamos a ideia de um casamento, não conversávamos sobre a logística de morar juntos quando meu contrato de aluguel terminasse. Era um *quando for*. Um *plano*.

— Pai, preciso perguntar uma coisa — falei.

Seus olhos se voltaram para os papéis que saíam da minha bolsa, e seus dedos se fecharam.

— Eu já disse para ele, não vou assinar nenhuma papelada. Não deixe o seu irmão vender a casa. Seus avós compraram aquele terreno. É *nosso*.

Eu me senti uma traidora. Aquela casa seria vendida de um jeito ou de outro.

— Pai, nós precisamos — falei com delicadeza. *Você está sem dinheiro. Você gastou sem pensar, sabe-se lá com quê*. Não restava mais nada. Nada além do dinheiro amarrado na laje de concreto, nas quatro paredes e no jardim descuidado.

— Nic, sério, o que sua mãe iria pensar?

Eu já o estava perdendo. Logo ele estaria em outro tempo. Sempre começava daquele jeito, com minha mãe, como se invocá-la no pensamento o sugasse para um lugar onde ela ainda

existia.

— Pai — eu disse, tentando mantê-lo ali —, não foi por isso que eu vim. — Respirei lentamente. — Você lembra que me enviou uma carta algumas semanas atrás?

Ele tamborilou os dedos na mesa.

— Claro. Uma carta. — Uma tática de adiamento, eu podia sentir como ele se vasculhava, tentando lembrar.

Puxei o papel, desdobrei-o sobre a mesa entre nós e vi seus olhos se estreitarem sobre a página.

— Você me mandou esta carta.

Seu olhar se demorou nas palavras antes de se erguer, os olhos azuis aquosos, escorregadios como seus pensamentos. *Aquela garota. Eu vi aquela garota.*

Senti o coração latejar na cabeça, como o nome dela, perambulando.

— Quem você quis dizer? Quem você viu?

Ele olhou ao redor da sala e se inclinou para mais perto. Abriu e fechou a boca duas vezes antes de o nome deslizar como um sussurro.

— A menina Prescott.

Senti os pelos da nuca se eriçarem.

— Corinne — eu disse.

Ele assentiu com a cabeça.

— Corinne — repetiu, como se tivesse encontrado algo que procurava. — Isso. Eu a vi.

Olhei ao redor do refeitório e me inclinei mais para perto dele.

— Você a viu? Aqui?

Tentei imaginar o fantasma dela vagando por aqueles corredores, seu rosto em forma de coração e seus cabelos cor de bronze, os olhos de âmbar e os lábios arqueados. E como estaria dez anos depois. Passando um braço no meu ombro, apertando a bochecha contra a minha, confessando tudo em um sussurro apenas para mim: *Melhor pegadinha do mundo, certo? Ah, para com isso, não fique brava. Você sabe que eu te amo.*

Os olhos de meu pai estavam distantes. E então se aguçaram novamente, absorvendo tudo em volta, os papéis na minha bolsa, a mim.

— Não, não, aqui não. Ela estava em casa.

— Quando, pai? Quando? — Ela desapareceu logo após a formatura. Antes de eu ir embora. Dez anos atrás. A última noite do parque de diversões. *Tique-taque, Nic.* Suas mãos frias nos meus cotovelos, a última vez que a toquei.

Nem um vislumbre desde então.

Pregamos sua foto do anuário nas árvores. Procuramos em lugares onde tínhamos medo de procurar, buscando algo que tínhamos medo de encontrar. Olhamos profundamente um para o

outro. Desenterramos partes de Corinne que devíamos ter mantido escondidas.

— Eu devia ter perguntado para a sua mãe... — Seus olhos ficaram de novo à deriva. Ele devia estar puxando uma lembrança de anos atrás. De antes de Corinne desaparecer. De antes de minha mãe morrer. — Ela estava na varanda dos fundos, mas foi só por um momento... — Arregalou os olhos. — A floresta tem *olhos* — ele disse.

Meu pai sempre gostou de metáforas. Passou anos ensinando filosofia na faculdade comunitária. Era pior quando bebia — tirava trechos de livros, reordenava-os para se encaixar a seus caprichos ou repetia citações fora de contexto, das quais eu tentava desesperadamente encontrar significado. Por fim, ria, apertando meu ombro, e seguia em frente. Mas agora ele se perdia na metáfora e não conseguia sair dela. Seu momento de lucidez estava desaparecendo.

Eu me inclinei na mesa e apertei seu braço até ele se concentrar nas minhas palavras.

— Pai, *pai*, o tempo está acabando. Me conte sobre a Corinne. Ela estava me procurando?

Ele suspirou, exasperado.

— O tempo não está acabando. Ele nem é *real* — ele disse, e eu sabia que o tinha perdido; *ele* estava perdido, andando em círculos na própria mente. — É só uma medida de distância que inventamos para entender as coisas... como um centímetro ou um quilômetro... — Ele gesticulava ao falar para enfatizar a questão. — Aquele relógio — disse, apontando para trás. — Ele não está medindo o tempo. Está criando o tempo. Você enxerga a diferença? — Olhei para o relógio na parede mais distante, o ponteiro preto dos segundos em movimento, em movimento, sempre em movimento.

— E ainda assim eu continuo envelhecendo — murmurei.

— Isso, Nic, isso mesmo — disse ele. — Você muda. Mas o passado, ele ainda está lá. A única coisa em movimento é você.

Eu me sentia como um rato em uma roda tentando conversar com ele. Aprendi a não discutir, mas a esperar. Para evitar a agitação que rapidamente acabaria em desorientação. Eu tentaria de novo no dia seguinte, de um jeito diferente, em um momento diferente.

— Tudo bem, pai. Olha, tenho que ir.

Ele se recostou e olhou para mim, os olhos vagando pelo meu rosto. Não sabia que versão de mim estava vendo, se sua filha ou uma estranha.

— Nic, escute — ele disse, e ouvi o tiquetaquear do relógio. *Tique-taque, Nic.*

Ele tamborilou os dedos na mesa entre nós, duas vezes mais rápido que o relógio. Um estrondo ecoou do outro lado da sala. Virei a cadeira e vi um homem pegando uma bandeja de pratos que devia ter deixado cair enquanto limpava as mesas. Voltei para meu pai, que estava concentrado em seu prato, girando o macarrão, como se os últimos minutos não tivessem existido.

— Você devia experimentar o macarrão — ele disse e sorriu, carinhoso e distante.

Eu me levantei, alisei as bordas do papel na mesa, reagindo a seu sorriso carinhoso e distante.

— Foi muito bom te ver, pai — falei, dando-lhe um abraço forte e sentindo como ele hesitou antes de levar a mão até o meu braço e me abraçar também.

— Não deixe o seu irmão vender a casa — ele repetiu, a conversa em círculos, recomeçando.

A luz da varanda estava acesa e o céu quase escuro. Recebi uma mensagem de Daniel quando estacionei na entrada de cascalho. Ele voltaria de manhã, e era para eu ligar se precisasse de alguma coisa ou se mudasse de ideia e quisesse ir para a casa dele.

Ali no carro, observando a lâmpada se mover com o vento e a luz lançando sombras na frente da casa, pensei no caso. Pensei em dirigir pela cidade e encher o colchão inflável no quarto do bebê. Porque eu conseguia nos ver, ver a nossa sombra, uma década atrás, contando histórias de fantasmas naquela varanda com a luz dançante.

Corinne e Bailey extasiadas enquanto Daniel lhes contava que havia um monstro na floresta — que não era algo que podiam ver, mas que podiam sentir. Que tomava as pessoas e as obrigava a fazer coisas. Eu podia ouvir aquela versão de mim dizendo que ele estava falando merda. E Corinne inclinando a cabeça para Daniel e se recostando na grade da varanda, estufando o peito, encaixando o pé em uma ripa de madeira, dobrando uma perna comprida e dizendo: “O que ela te obrigaria a fazer?” Sempre nos provocando. Sempre provocando.

Eu odiava que nossos fantasmas vivessem sempre aqui. Mas Laura estava quase dando à luz, e não havia lugar para mim lá. Além do mais, mesmo que Daniel tivesse oferecido, estava implícito que eu não aceitaria. Eu tinha uma casa aqui, um quarto aqui, um espaço aqui. Eu não era mais responsabilidade dele.

Abri a porta da frente e ouvi uma outra porta se abrir do outro lado da casa, como se eu tivesse perturbado seu equilíbrio.

— Olá? — chamei, paralisada no lugar. — Daniel?

Nada além do vento da noite sacudindo os vidros, fazendo um barulho familiar. Uma brisa, graças a Deus.

Acionei os interruptores de luz na parede, caminhando na direção da cozinha, que ficava nos fundos da casa. Metade deles funcionava, metade não.

Daniel não estava aqui. Ninguém estava aqui.

Girei o ferrolho, mas a madeira ao redor estava apodrecida e lascada, o parafuso atravessando o batente, quer estivesse trancado ou não. Tudo parecia estar como eu havia deixado: uma caixa na mesa, um copo usado na pia, tudo coberto com uma fina camada de poeira.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todas as garotas desaparecidas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).